

## Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

### 2º capítulo - O discurso do judaísmo brasileiro através da literatura e da arte

O olhar judaico: memória e testemunho

Bella Jozef

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

JOZEF, B. O olhar judaico: memória e testemunho. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 189-197. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## 2ª CAPÍTULO

### O DISCURSO DO JUDAÍSMO BRASILEIRO ATRAVÉS DA LITERATURA E DA ARTE

#### O olhar judaico: memória e testemunho

*Bella Jozef<sup>1</sup>*

**Q**uais as formas de expressão do judaísmo no fazer literário? Como definir o que é uma obra judaica?

A essas e outras questões instigantes que diariamente a crítica de jornal e a acadêmica têm diante de si e a este universo de questionamentos pretendo trazer alguns esclarecimentos provenientes de minha vivência e de minhas reflexões em contato com a literatura nos últimos anos.

Inicialmente, pergunto:

Quais as condições propícias à existência de uma condição judaica? Se existe uma condição judaica, existirá uma literatura judaica?

Para alguns, ela nutre-se da referência ao passado, de uma nostalgia pelos valores condenados pela história. Para outros, ela não existe por não possuir língua comum nem território nacional.

Fazer depender a tradição literária judaica da utilização de uma língua única é desconhecer a quinta-essência da cultura judaica: o plurilinguismo, fenômeno intrínseco da vida do povo e uma de suas características estruturais.

Com exceção de um breve período do século XIII ao VI a C., durante o qual o povo judeu parece só ter utilizado o hebraico, todas as outras épocas são marcadas pelo uso simultâneo de várias línguas e isto bem antes

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras e Literatura/UFRJ

da destruição do Templo. O hebraico, língua sagrada, litúrgica, sábia, permanece o idioma da unidade na diversidade judaica.

Então, o que é literatura judaica?

Quando um poeta afirma que sua obra se caracteriza pela busca interior, a postura crítica com que se coloca diante do mundo, a necessidade de interrogação constante, tudo isso será judaico, apenas judaico? Talvez qualquer judeu que escreva de algum modo sobre seu judaísmo e qualquer judeu que escreva esteja recriando valores que não são apenas judaicos. O que quero dizer é que toda recriação judaica será diferente da que a inspirou. Vejamos de que maneira temos força suficiente para incorporar e tornar próprios, dentro de uma identidade judaica clara e forte, elementos de fora que não possam diluir a identidade, mas que se tornem parte dela. Segundo o sociólogo americano Thorstein Veblen, os judeus atuam dentro da cultura ocidental e ao mesmo tempo não se sentem amarrados a ela, por isso sempre lhes será mais fácil inovar dentro dessa cultura.

Mas como responder à pergunta: o que é a literatura judaica?

Diz-nos Jorge Luís Borges que Racine não entenderia se alguém lhe negasse o direito ao título de poeta francês por haver buscado temas gregos e latinos. A temática de escritores judeus mundo afora é tão vasta como a de Racine. E continua Borges: Creio que Shakespeare ter-se-ia assombrado se houvessem pretendido limitá-lo a temas ingleses e lhe houvessem dito que, como inglês, não tinha direito de escrever Hamlet, de tema escandinavo, ou Macbeth, de tema escocês.

Com Borges, podemos responder a uma parte da pergunta que não é a temática que definirá a origem do escritor. O escritor judeu produz uma escrita judaica embora não trate especificamente de temas judaicos.

Porém onde encontrar o escritor francês em Racine, o escritor inglês em Shakespeare ou o escritor judeu em Clarice Lispector? Eles estão lá, o francês em Racine, o inglês em Shakespeare e o judeu em Clarice Lispector.

Cabe-nos, ainda, perguntar:

O que será o olhar judaico? O olhar judaico existe? As diferenças não serão maiores que as similitudes?

Conceituar o olhar judaico supõe, a nosso ver, um pluralismo de diferenças que persistem e persistirão através das simplificações. Questiona-se a esfinge, mas a resposta é um problema.

A questão do olhar situa-se no centro do debate da cultura contemporânea, quando tudo é feito para mostrar-se ao olhar. A chamada “civilização da imagem” modificou o ato de olhar e alterou a constituição da realidade ao questionar o real. A cidade contemporânea corresponde ao novo olhar. Essa dificuldade em reconhecer-se nos objetos e nos outros atravessa a obra de Walter Benjamin, que introduz a problemática de um olhar que possa ser correspondido, de um olhar que *olha*.

Assim como a mão colocada diante dos olhos pode esconder a montanha mais elevada, a rotina do cotidiano pode impedir-nos de ver o brilho enorme e as maravilhas secretas que povoam o mundo.

Para escapar da banalidade do cotidiano, Clarice Lispector instaura a poesia do instante, através da simulação brilhante da cor. Veja-se em *A hora da estrela*: “É uma história em technicolor”.

O superego é o Olho do Pai e, mais tarde, o de Deus, poder e autoridade em virtude do elo estabelecido na psicanálise com o Pai, autoridade política e imperativo moral.

Jeová é aquele a quem não se esconde nada: “Se subir ao céu, tu ali te achas, se descer ao inferno presente nele estás [...] porque as trevas não serão escuras para ti e a noite será iluminada como o dia” (Salmos, 138, 8).

Lembremos que *Os deuses de Raquel*, de Moacyr Scliar, iniciam-se com: “Eu sou aquele cujo verdadeiro nome não pode ser pronunciado. Admito, contudo, ser chamado de Jeová... Sou o que tudo vê”. (p.9).

Nas lendas e nos sonhos, o inconsciente é sempre representado sob um aspecto tenebroso. De Eros-Cupido até o “velho rei” do folclore de vários países, passando por Édipo, são todos cegos. A cegueira é uma enfermidade da inteligência. No conto “Amor” (de *Laços de família*), o cego, contraditoriamente, conscientiza a protagonista.

### **Clarice Lispector e a Cabala**

A palavra, na Cabala, é instrumento todo-poderoso de posse da realidade. Para Clarice, seu alcance é limitado, daí a necessidade da procura de nova linguagem por parte da narradora, para “o encontro do eu com o eu” (*Um sopro de vida*, 65).

A Cabala conferiu à linguagem a tarefa de refletir (de ser) manifestação direta da divindade. Para o cabalista, o idioma não é produto de conjecturas que animariam a busca de segredos divinos, mas um produto divino que permite aos iniciantes penetrar no mundo onde suposições humanas se transformam em certezas da Deidade: “Desde Moisés se sabe que a palavra é divina” (*A hora da estrela*, 95).

A vontade de Clarice de ver na palavra mais do que a aparência e a aceitação do verbo como instrumento de criação (e não como mero símbolo arbitrário para designar os elementos do real) aproxima-a dos cabalistas. Não queremos dizer que fosse conscientemente, através do estudo dos textos sagrados, mas como uma intuição, a poderosa e mágica intuição de Clarice Lispector.

O olhar rompe os limites, momento extremo de liberdade, momento em que a narradora se liberta de si mesma, oferecendo sua essência que é sinônimo de liberdade. Aproxima-se do momento genésico pela força do olhar: momento do desejo e da inspiração. Puro fulgor que acende a centelha: “Sou sozinha eu e minha liberdade”. Clarice quer subtrair-se à ausência de tempo entrando em outro tempo. *A hora da estrela* é dedicada aos profetas do presente: “e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: “Sei de muita coisa que não vi” (p.7).

Macabéia é “símbolo universal da humildade oprimida” (Scliar). Sente como uma dor a não familiaridade do lugar. Sua morte interrompe o desenvolvimento que é o da própria indiferença: “este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta” (p.21), declara o narrador que se delineia aos olhos do leitor através de outro personagem: “escrevo por não ter nada para fazer no mundo” e “ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino”.

A tentativa de ver-se é forma de identidade. Ver-se a si próprio: “Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia” (HE, 51).

Macabéia, com sua experiência inautêntica, é o protótipo do ser alienado, ironicamente o oposto das mulheres dos bíblicos Macabeus.

A obra tem perguntas e a interrogação é a resposta: “O homem irá buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesmo o sopro de vida que Deus (Ihe) dá?”

Não há um antes nem um depois: “Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?” (p.15). O narrador, ao afirmar “vivemos exclusivamente no presente” (p.23) pressupõe a repetição indefinida do que ocorre no relato. Uma referência ao que vem depois – “esta história será o resultado de uma visão gradual”(p;15) – afasta no mito o que poderia suceder num futuro real.

A Bíblia será um dos textos essenciais citados: “A senhora compreende, a Bíblia é o maior dever do homem. Estou dizendo isso mas querendo dizer nessa palavra que a mulher também é homem, compreende” (*O lustre*, p.163).

### **Moacyr Scliar e a tradição**

Os textos de Moacyr Scliar não se esgotam no plano da literariedade. Há uma trama no nível denotativo e um símbolo conotativo ou alegórico. A parte externa encobre uma interior e alusiva, muitas vezes invisível à primeira abordagem, mas não menos presente e funcional que sua contraparte visível. São formas de perceber a tradição e de recriá-la.

Scliar estabelece um diálogo com o texto bíblico, reescrevendo seus mitos como em “As pragas”, de *A orelha de Van Gogh* (1989).

O profeta é aquele para quem a hospitalidade é devida, prometida. Ele pode chegar a qualquer momento, pode realizar o acontecimento da sua vinda a cada instante: “Raquel tem a sensação ...J de que alguém a espia pela porta aberta” (*Os deuses de Raquel*, 27)...”a claridade que vem lá de dentro deslumbra-a” (idem, 42). A imagem da porta é retomada várias vezes. O objeto torna-se palavra. Existe uma interação criadora com o externo.

No conto “O olho enigmático” (do livro do mesmo nome, 1986), o olhar tem papel ativo sobre o que é olhado, no caso, um quadro. Mas o personagem terá de refazer “o quadro” que se apagou, enquanto no conto “Na minha sua cabeça, o Holocausto” (idem, 19), o personagem incorpora, ironicamente, a sujeira do mundo, que é preciso tirar dele.

### *Samuel Rawet e o imigrante*

O olhar do estrangeiro resgata o significado, pois é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez, deixando-as aparecerem como são: resgata as figuras banalizadas de nosso imaginário para tirar dele uma identidade e um lugar. O imigrante judeu carrega uma profunda memória histórica como membro de um povo que se reconhece através do ato de pertencer a um pacto milenar estabelecendo o signo das origens e da identidade. Do olho de Ida, em “A prece”, de Samuel Rawet, escapa um fogo interior, “um olho truncado pelo clarão”, alguma coisa ficou no passado, ao acender as velas do “shabat”, enquanto Judith tem “os olhos presos em nada” (idem, 28), mas é nos olhos da irmã que “vislumbrara acidentalmente um brilho que era a rememoração dos sonhos” (p.30)..

### *À guisa de conclusão:*

O judaísmo, como visão de mundo, projeta-se como uma nacionalidade construída sobre ideais e éticas. O judeu é um ser voltado para o futuro mas que olha o passado, tentando reconciliar com o presente a imobilidade de um espaço geográfico fechado.

Ser judeu é reconhecer uma pertinência, ato decisório de uma vontade abstrata, enraizada na memória aceita de um destino não escolhido. O judeu é também o outro, eu e o outro. Visão do universal mas ao título da singularidade datada em nome do outro. A passagem em direção ao outro, respeito pela alteridade do outro, a palavra que passa através da linguagem. A palavra que abre a possibilidade do não ser, a perda da palavra que ficou e se conserva para viver a perda da origem.

Também é viver e contar sua memória. Reproduzir os gestos e os sons transmitidos pelas gerações, carregar em si a continuidade: a revisão do passado constitui o resgate de um legado cultural. Sentir e ver o temporal e o atemporal, com fé inquebrantável no homem e no direito do

espírito. Ver a existência em deslumbramento contínuo diante de uma paisagem nova.

Dentre as variantes que o judaísmo assume, falando diferentes línguas, manejando diferentes concepções de mundo, o escritor judeu escreve sobre a literatura do passado bíblico, do Holocausto, da repressão e do exílio, o sentido da morte e da vida, como testemunha e sobrevivente. Com obras de múltiplos significados, ampliou os espaços do imaginário e dos territórios ficcionais do patrimônio coletivo universal.

Cada autor fala, a seu modo, de sua experiência, do ponto de vista pessoal. Sem as acumulações da memória, não temos cultura. Ser judeu, diz Elie Wiesel, “é viver com memória”. A memória é sobrevivência e um dos traços do relacionamento dos judeus com o mundo.

Esses testemunhos mostram, uma vez mais, o poder da palavra contra o esquecimento. O povo judeu tem sobrevivido, desde sempre, pela palavra. Segundo a tradição, todos possuem a obrigação de transmitir sua experiência, de forma criativa, para explicar sua existência. “Lembre-se”, diz o pai a seu filho. Herdeiros de uma tradição, os judeus compartilham um passado comum, uma herança cultural comum e uma memória comum. A consciência histórica tem unido as gerações que vão transmitindo a tradição como herança pessoal e coletiva.

Para Kant, o judaísmo é uma comunidade política, enquanto Voltaire o considerou uma religião. Para nós, o judaísmo é uma forma de vida, uma forma de autoconhecimento através da escrita. O que podemos oferecer ao mundo é o que somos. Ser judeu significa, sobretudo, a busca de valores morais e éticos.

Podemos dizer que ser judeu é o que cada um acha que é, o que os outros acham e o que você pensa que os outros acham? Ou em palavras do psiquiatra R.D. Laing sobre a identidade: “... O que constitui a identidade de nossa pessoa, não é apenas o fato de nos olhar, mas é também o fato de ver os outros nos olhar, a reconstituição e a modificação da visão que os outros têm assim de nós... mesmo se uma visão que o outro tem de mim é recusada, ela é incorporada, entretanto, sob a forma recusada, de modo a fazer parte de minha identidade pessoal” (1965, p.5). Para Celso Lafer, “a identidade não é um dado, mas um construído. A construção da identidade individual opera através da diferença e ecoa um dos aspectos básicos da

doutrina liberal, que é o de valorizar os seres humanos, não por aquilo que têm em comum uns com os outros mas pelo que os caracteriza na sua especificidade [...] A construção da identidade coletiva, por contraste com a individual, opera pela semelhança e traduz uma visão compartilhada que têm um conjunto de indivíduos de um bem comum que os une e aproxima”.

De tudo, quisemos oferecer uma amostragem de uma das diversas facetas da cultura judaica. A definição do “que é ser judeu” não é dada por nenhuma contribuição em particular: a resposta está na soma dos diversos escritores. Suas obras originam-se da reflexão e convidam à reflexão.

Desde que existem, os judeus desenvolveram um modo de ser, de existir e de escrever. O judaísmo é uma forma de vida. E para viver, a comunicação. A fala, elo que liga gerações. A escrita, parte integral de nossa civilização. Ambas conferem permanência ao conhecimento. Ler é existir. Existir é conhecer. Conhecimento para a vida. Orientação para a vida. Olhar.

O olhar crítico de Clarice Lispector, Moacyr Scliar e Samuel Rawet sobre a realidade provém da libertação, através do imaginário, dos entraves do cotidiano. Olharam as origens para narrar a circunstância presente do imigrante Produziram um discurso novo e diferente no branco da página, onde não há enunciados prévios, sem sacrificar um passado histórico revalidado, sem imitar gestos alheios e sem ocultar a diferença. Ampliaram o cânone literário brasileiro, construindo uma literatura sobre outro significado do diferente.

Os escritores judeus – desgarrados e fragmentados, violadores e transgressores, seguidores de suas tradições e cheios de culpa por fazê-lo e por sobreviver, entre saber e alma, crença, coração, sujeito e objeto da História, vítimas de obscurantismos, foram os camaleônicos criadores, em ídiche, ladino, francês, inglês, espanhol e português – em quantas línguas existam – foram mártires e heróis, estiveram presentes em épocas de luz e de sombra. Seguiram à vanguarda da justiça, impulsionadores da modernidade.

Como novos descobridores, enviaram suas cartas-relação, suas crônicas da nova terra que os recebia, exaltando-a, perplexos e cheios de esperança.

### **Referências Bibliográficas:**

BORGES, Jorge Luis. *Discusión*. Buenos Aires: Emecé, 1957, p.151-162.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. 19 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora 1990

\_\_\_\_\_. *A hora da estrela*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio ed. 1978.

\_\_\_\_\_. *Um sopro de vida*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.  
RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

SCLIAR, Moacyr. *Os deuses de Raquel*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1975.

\_\_\_\_\_. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.

\_\_\_\_\_. *O olho enigmático*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

\_\_\_\_\_. *A orelha de Van Gogh*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.